

Programa de Pós-graduação em Economia – Universidade Federal do Pará

CADERNOS  
CEPEC  
ECONOMIA DA AMAZÔNIA



## As escolhas dos jovens no Brasil: uma análise sobre as mudanças das características do jovem trabalhador (2012-2019)

The choices of young people in Brazil: an analysis of the changes in the characteristics of young workers (2012-2019)

Diany Leal de Melo <sup>1a</sup>  
Ana Carolina Campos de Melo <sup>2b</sup>  
Camila de Moura Vogt <sup>3c</sup>

**Resumo:** O trabalho aborda a transição dos jovens para a vida adulta no Brasil, com foco na escolha de estar ou não estar trabalhando. Tal período é considerado crítico e desafiador para os jovens, sendo afetado por diversos obstáculos, como a instabilidade econômica, a dificuldade de acesso ao ensino superior e a escassez de oportunidades de emprego. Esse contexto é ainda mais preocupante para os jovens trabalhadores, que frequentemente ocupam empregos precários e mal remunerados, aumentando sua vulnerabilidade para trabalhos informais. Para entender as mudanças nas características do jovem trabalhador, foi realizada uma análise comparativa utilizando dados da PNAD, compreendendo jovens entre 14 e 25 anos, no período de 2012 a 2019. A metodologia empregada inclui um modelo binomial para identificar as variáveis que influenciam a probabilidade do jovem em ter um emprego. Os resultados destacam que as jovens têm maior probabilidade de terem um emprego em relação aos jovens do sexo masculino, porém, persistem desigualdades de gênero. Jovens pretos e pardos têm menor probabilidade de ter emprego, e o nível de educação também influencia significativamente a inserção laboral dos jovens. Além disso, diferenças marcantes nas chances de participação foram encontradas entre os estados brasileiros.

**Palavras-chave:** Brasil. Juventude. Mercado de trabalho. PNAD.

**Classificação JEL:** I31, J4, J13

**Abstract:** The study addresses the transition of young people to adulthood in Brazil, focusing on the choice of being employed or not. This period is considered critical and challenging for young individuals, as it is affected by various obstacles such as economic instability, difficulties in accessing higher education, and a scarcity of job opportunities. This context is even more concerning for young workers, who often hold precarious and poorly paid jobs, increasing their vulnerability to informal work. Thus, to understand changes in the characteristics of young workers, a comparative analysis was conducted using data from the PNAD, covering individuals aged 14 to 25 from 2012 to 2019. The methodology includes a binomial model to identify the

<sup>1</sup> Universidade Federal do Pará. Correio eletrônico: diany.melo@icsa.ufpa.br.  0009-0008-6078-777X.

<sup>2</sup> Universidade Federal do Pará. Correio eletrônico: carolmelo.08@gmail.com.  0000-0001-9576-9362.

<sup>3</sup> Universidade Federal de Santa Maria. Correio eletrônico: vogt.camila@ufsm.br.  0000-0002-5693-9637.

variables that influence a young person's likelihood of employment. The results highlight that young women are more likely to be employed compared to young men, although gender inequalities persist. Black and brown youth are less likely to be employed, and the level of education also significantly influences young people's labor market participation. Additionally, the study found notable differences in participation rates between Brazilian states.

**Keywords:** Brazil. Youth. Labor Market. PNAD.

**JEL Classification:** I31, J4, J13

## 1. Introdução

A relação entre juventude e mercado de trabalho é marcada por uma complexa interação de fatores que moldam a entrada dos jovens no mercado laboral. Diversos elementos influenciam essa dinâmica, incluindo o nível de qualificação dos jovens, a situação econômica do país e aspectos culturais. Além disso, as aspirações e expectativas desses jovens em relação ao mercado de trabalho são significativamente afetadas por esses fatores. No contexto brasileiro, a entrada dos jovens no mercado de trabalho tem sido particularmente impactada por uma série de variáveis, incluindo os efeitos da pandemia de Covid-19, mudanças nas políticas públicas e transformações culturais. Esses elementos têm contribuído para moldar as características dos jovens trabalhadores e suas escolhas profissionais, refletindo uma realidade em constante evolução e complexidade.

Considerando a dificuldade de análise das interações entre características socioeconômicas e transições do mercado de trabalho, este estudo aborda a análise comparativa das características laborais da juventude brasileira de 2012 a 2019, utilizando dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), conduzida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A pesquisa utiliza um modelo binomial para identificar fatores, incluindo gênero, educação, região e raça, que influenciam o jovem estar em um emprego, ou não estar.

O estudo é relevante dada a preocupação com a situação dos jovens brasileiros, especialmente diante de eventos recentes. A pesquisa visa compreender as mudanças nas características do jovem trabalhador, fornecendo *insights* sobre oportunidades de emprego, qualidade dos postos de trabalho e orientando políticas públicas inclusivas. O período analisado, de 2012 a 2019, permite uma visão abrangente em diferentes contextos socioeconômicos e políticos. Dividido em seções, o trabalho inclui análise do jovem no mercado de trabalho, metodologia, apresentação e discussão de resultados, concluindo com uma síntese dos achados.

A metodologia empregada envolve testes de heterocedasticidade e normalidade dos resíduos nos modelos, indicando que a chance de ter ou não ter um emprego pode ser explicada por características não abordadas no trabalho. Resultados apontam para tendências significativas, como a presença crescente de mulheres jovens e a estabilização dessa trajetória, sugerindo desigualdades persistentes de gênero. A desigualdade racial é destacada, indicando que jovens pretos e pardos têm menores chances de emprego, com essa disparidade aumentando ao longo dos anos. Outros fatores, como a entrada tardia no mercado de trabalho e a influência do nível de educação, são discutidos. O estudo fornece diretrizes para políticas públicas inclusivas e destaca áreas críticas para compreender as dinâmicas do mercado de trabalho para a juventude brasileira.

## 2. O jovem no mercado de trabalho brasileiro

Nas sociedades modernas, os jovens normalmente se preparam para assumir papéis de adultos por meio de uma variedade de experiências educacionais, treinamento profissional e atividades que lhes permitem explorar seus interesses e habilidades. A preparação para assumir papéis na família inclui participar de diferentes grupos sociais, explorar relacionamentos afetivos e o relacionamento com os pais. Essas experiências criam um contexto para o desenvolvimento das decisões futuras, definidas de forma variada a partir de metas, interesses ou planos para o futuro (Sundberg; Poole; Tyler, 1983).

A transição para a vida adulta é uma tarefa de desenvolvimento fundamental para adolescentes e jovens adultos (Schoon; Silbereisen, 2009) e tem consequências de longo prazo para suas biografias e decisões posteriores (Blossfeld, 2003; Müller; Gangl, 2003). Ao mesmo tempo, essas transições têm se tornado mais prolongadas, não padronizadas e mais incertas nas últimas décadas (Blossfeld, 2006; Schoon; Silbereisen, 2009; Walther, 2002). Enquanto alguns jovens adultos experimentam uma transição direta e estável, outros passam por transições mais difíceis.

Do ponto de vista teórico, as escolhas dos jovens são importantes porque impactam de forma significativa suas trajetórias de vida e sobre os resultados mais amplos esperados em relação ao futuro da juventude. Parte das pesquisas sobre escolhas da juventude tem como objetivo analisar as decisões de vida a partir das diferenças de idade, sexo, status socioeconômico e situação familiar (Mönks, 1968; Sundberg *et al.*, 1983; Poole; Cooney, 1987;

Nurmi, 1989; Nurmi, 1994). Promover o desenvolvimento saudável de jovens exige clareza na articulação de dimensões e indicadores para alcançar o bem-estar na fase adulta.

No Brasil, o declínio econômico e crises políticas geram preocupações sobre o futuro dos jovens. Cerca de metade da população de 15 a 29 anos enfrenta desafios econômicos, como falta de trabalho, educação de qualidade mediana e empregos informais. Almeida e Packard (2018) destacam que políticas favoráveis a trabalhadores estabelecidos prejudicam as perspectivas no mercado de trabalho para os jovens, agravando as incertezas econômicas e sociais.

Além disso, Almeida e Packard (2018) enfatizam que os jovens muitas vezes não estão preparados adequadamente para enfrentar um mercado de trabalho cada vez mais desafiador. Após uma fase de expansão econômica, ampliação na distribuição de renda, incremento do poder aquisitivo e aumento da escolaridade média da população brasileira na década de 2000-2010 (Scalon, 2013; Costa; Scalon, 2013), o Brasil experimentou uma década de retração econômica e crises políticas e sociais de 2010 a 2020, intensificadas pela pandemia de coronavírus (Pochmann, 2018; Scalon; Caetano; Chaves, 2021).

Evidências apontam para dificuldades dos jovens em estabelecer sua inserção na sociedade, através do aumento da escolaridade, inserção no mercado de trabalho e independência de sua família de origem, resultando em frustrações sobre as suas oportunidades de vida (Sposito, *et al.*, 2018; Gomes; Oliveira; Andrade, 2019).

A entrada dos jovens no mercado de trabalho, sobretudo para as mulheres, evidencia uma prevalência de empregos de baixo status socioeconômico. A falta de diferenças significativas na qualificação entre os gêneros sugere desigualdades estruturais. Mesmo com níveis similares de formação, as oportunidades para jovens mulheres podem ser mais limitadas em comparação com seus pares masculinos. A relação entre o primeiro emprego e a trajetória ocupacional revela que as oportunidades iniciais impactam a direção e o progresso da carreira ao longo do tempo, especialmente de forma mais acentuada para as mulheres.

Entende-se ainda que exista influência das crises econômicas nas escolhas educacionais e laborais das crianças. O fato de a relação entre a frequência escolar e o trabalho infantil ser afetada durante períodos de crise sugere que eventos econômicos adversos podem levar a decisões diferentes por parte das famílias e das crianças. Dessa forma, as oscilações econômicas

têm atingido a população mais jovem, possivelmente alterando as características necessárias para a inserção no mercado de trabalho.

Na próxima seção, são detalhados os dados e a metodologia para analisar a evolução das características influentes nas chances dos jovens ter ou não ter um emprego.

### **3. Metodologia**

#### **3.1 Fonte e descrição das variáveis**

O estudo baseou-se na PNAD Contínua, uma pesquisa conduzida pelo IBGE que oferece informações abrangentes e atualizadas sobre a situação socioeconômica no Brasil. Iniciada em 2012, a PNAD Contínua substituiu a antiga PNAD, permitindo a coleta trimestral de dados ao longo do ano e fornecendo indicadores socioeconômicos dinâmicos.

A pesquisa tem como componentes: i) amostragem probabilística de domicílios em todo o Brasil, garantindo que os dados sejam representativos da população nacional; coleta dados sobre uma ampla gama de temas, incluindo características demográficas, educação, trabalho, rendimento e condições de vida; ii) a pesquisa é realizada em quatro momentos ao longo do ano, com a coleta de dados ocorrendo em cada trimestre. A primeira visita de cada ano, em particular, é frequentemente usada para análises que exigem uma visão inicial do ano; iii) a coleta de dados trimestral permite a produção de indicadores socioeconômicos atualizados e dinâmicos, oferecendo uma visão detalhada e contínua das mudanças na economia e no mercado de trabalho; iv) o detalhamento das informações, além de informações básicas sobre a população, a pesquisa coleta dados sobre a participação no mercado de trabalho, características do emprego, condições de vida, acesso a serviços e outras dimensões socioeconômicas.

A PNAD Contínua é organizada em módulos, grosso modo, módulo de trabalho, coleta de informações sobre a participação no mercado de trabalho, tipo de emprego, horas trabalhadas, rendimentos, entre outros; módulo de educação, contendo dados sobre a escolaridade, frequência escolar, nível de escolaridade e atividades educacionais; módulo de rendimento, foca nos rendimentos provenientes de trabalho, pensões, aposentadorias e outras fontes de renda; módulo de características demográficas, com dados sobre idade, sexo, raça, estado civil e outras características pessoais; módulo de condições de vida; reúne informações sobre habitação, acesso a serviços e condições de vida em geral. No âmbito do estudo, foram utilizados os dados anuais consolidados nos primeiros questionários aplicados às famílias pela

PNAD Contínua (primeira entrevista). A análise focou em jovens de 14 a 25 anos, considerando variáveis especificadas no quadro 1.

Quadro 1 – Variáveis do modelo conforme PNAD contínua 2012- 2019

V2007 Gênero	Masculino (Variável de Referência - VR) e Feminino.
V2009 Faixa etária dos indivíduos na data de referência de realização da PNAD	Consideramos os jovens de 14 até 25 anos na data de referência.
VD 3004 - Nível de Escolaridade	Escolaridade da população em geral dividida entre: Sem instrução (VR); Fundamental incompleto ou equivalente; Fundamental completo ou equivalente; Médio incompleto ou equivalente; Médio completo ou equivalente; Superior incompleto ou equivalente e Superior completo.
Estados (UF)	Rondônia (VR); Acre; Amazonas; Roraima; Pará; Amapá; Tocantins; Maranhão; Piauí; Ceará; Rio Grande do Norte; Paraíba; Pernambuco; Alagoas; Sergipe; Bahia; Minas Gerais; Espírito Santo; Rio de Janeiro; São Paulo; Paraná; Santa Catarina; Rio Grande do Sul; Mato Grosso do Sul; Mato Grosso; Goiás; e Distrito Federal.
V2010 Raça	Segundo classificação do IBGE, há cinco opções de raça: Branca (VR); Preta; Parda; Indígena ou Amarela. A partir de 2015 foi adicionado a opção "Ignorado".
V2005 Pessoa responsável pelo domicílio	V2005 = 01 uma pessoa responsável; Cônjuge ou companheiro(a); V2005 = 02 ou 03; Filho(a) V2005 = 04 ou 05; Enteado(a) V2005 = 06; Genro ou nora V2005 = 07; Pai, mãe, padrasto ou madrasta V2005 = 08; Sogro(a) V2005 = 09; Neto(a) V2005 = 10 ou 09; Bisneto(a) V2005 = 11; Irmão ou irmã V2005 = 12; Avô ou avó V2005 = 13; Outro parente V2005 = 14; Agregado(a) V2005 = 15; Convivente V2005 = 16; Pensionista V2005 = 17; Empregado(a) doméstico(a) V2005 = 18; e Parente do(a) empregado(a) doméstico(a) V2005 = 19.
VD 2004 Condição no domicílio	Unipessoal (VR), V2001 = 01 uma pessoa responsável pelo domicílio; Nuclear, os domicílios que satisfaçam V2001 >= 01 e não satisfaçam as condições de 2 - Nuclear e não tenham pessoas com 15 <= V2005 <= 19; Estendida, domicílios que atendam à seguinte condição: (V2001 >= 2 e tenham pelo menos uma pessoa com 15 <= V2005 <= 19); Composta.

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da PNAD (2012 a 2019).

### 3.2 Modelo binomial

O modelo *Logit*, uma extensão do modelo de regressão linear, pertence à família de modelos de regressão e é empregado para modelar a probabilidade de eventos binários. É uma técnica aplicada em diversas áreas e em estudos sobre mercado de trabalho (Balsan et al., 1996; Rodrigues; Pereira, 2013; Salata, 2022).

$$Y_i = \beta_0 + \beta_1 X + \mu_i \quad (1)$$

O modelo *Logit* é amplamente utilizado para análises que contenham uma variável dependente binária, ou seja, quando assume esperança condicional entre dois valores ou resultados possíveis. Neste caso, a presente variável dependente  $Y_i$  identifica se o jovem está trabalhando formalmente (1) ou não (0). Adotando 1 quando o jovem trabalha e 0 quando não. Já  $X$  identifica as características que alteram as chances de estar trabalhando.

Dessa forma, um modelo de resposta binária consiste no interesse na probabilidade  $P(Y = 1|x)$  de resposta (Wooldridge, 2004). Sendo:

$$P(Y = 1|x) = P(y = 1|x_1, x_2 \dots x_n) \quad (2)$$

A principal ideia do modelo *Logit* é transformar a variável dependente binária em uma probabilidade utilizando uma função logística. A função logística ou função sigmóide é uma curva em forma de "S" que mapeia qualquer valor real para um valor entre 0 e 1.

$$P(Y = 1|x) = G(\beta_0 + \beta_1 x_1 + \dots + \beta_k x_k) = G(\beta_0 + x\beta) \quad (3)$$

Sendo a função logística  $\Lambda(z)$  dada pela equação 04;

$$G(z) = \exp(z) / [1 + \exp(z)] = \Lambda(z) G \quad (4)$$

No entanto, é importante mencionar que o modelo *Logit* pressupõe independência entre as observações e a ausência de multicolinearidade entre as variáveis independentes. Além disso, a interpretação dos coeficientes do modelo *Logit* é realizada em termos de mudança na probabilidade de ocorrência do evento para uma unidade de alteração nas variáveis independentes, mantendo as outras variáveis constantes.

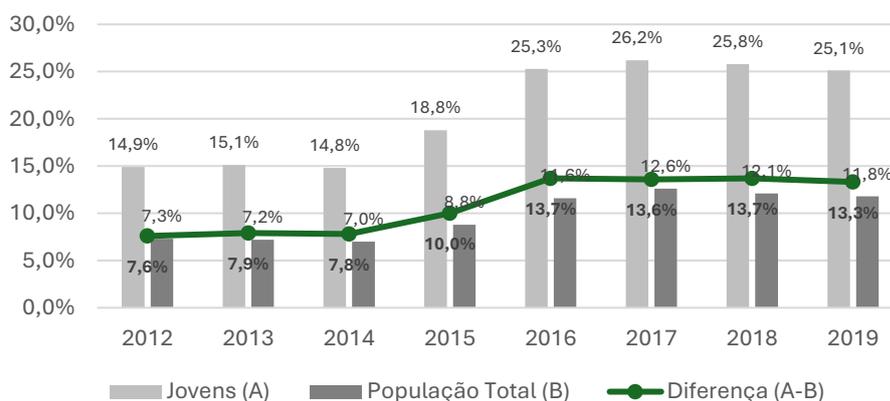
Em resumo, a aplicação dos modelos *logit* (e *probit*) permite analisar como as variáveis independentes influenciam a probabilidade de ocorrência do evento de interesse, possibilitando no contexto de estudo interferir as *odds ratios* que implicam sobre os jovens no mercado de trabalho.

#### 4. Achados e Discussão de resultados

No período de 2012 a 2019, foi observado um aumento na taxa de desocupação tanto para a população em geral quanto para a população jovem (Figura 1). Em 2012, essas taxas eram de aproximadamente 7,3% e 14,9%, respectivamente, com uma diferença de 7,6 pontos percentuais entre os dois grupos. Porém, em 2019, as taxas de desocupação se elevaram para 11,8% e 25,1% para a população em geral e a população jovem, respectivamente, apresentando agora uma diferença de 13,31 pontos percentuais.

É relevante destacar que a taxa de desocupação da população jovem é consideravelmente alta em comparação à população em geral. Esse aumento nas taxas de desocupação pode ser atribuído a diversos fatores econômicos e sociais, como o crescimento da população economicamente ativa, a desaceleração econômica em determinados períodos, a falta de experiência profissional e as dificuldades de inserção no mercado de trabalho enfrentadas pelos jovens.

Figura 1 – Taxa de desocupação da população jovem conforme PNAD contínua (2012 -2019)



Fonte: Elaboração própria com base nos dados da PNAD (2012 a 2019).

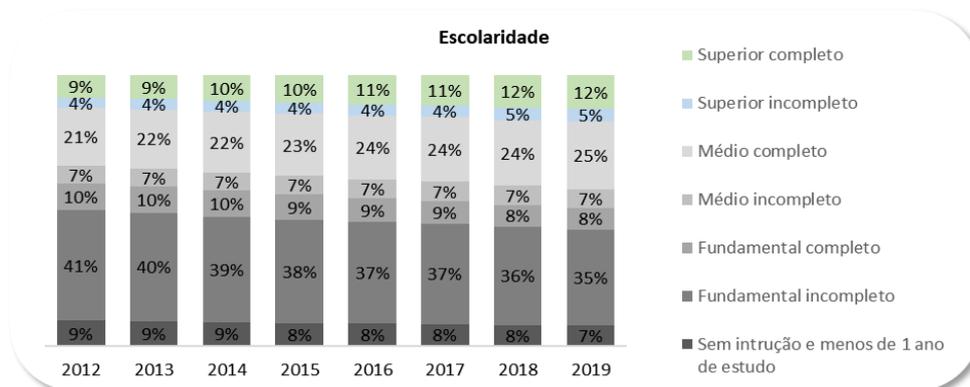
Com relação à educação nos últimos anos, podemos observar na Figura 2 que houve um aumento na proporção de pessoas buscando níveis mais elevados de escolarização após a conclusão do Ensino Médio. Ao mesmo tempo, houve uma redução no número de pessoas com baixo nível de escolaridade. No entanto, é importante ressaltar que a maioria das pessoas ainda possui apenas o Ensino Fundamental incompleto.

Esse aumento na busca por maior escolaridade pode estar diretamente relacionado à demanda crescente do mercado de trabalho, que tem exigido cada vez mais capacitação e qualificação dos profissionais. Com as constantes mudanças tecnológicas e avanços na

economia, as pessoas reconhecem a importância de se manterem atualizados e competitivos no mercado.

Apesar desses avanços, é notável que ainda há uma parcela significativa da população com Ensino Fundamental incompleto, seguida por pessoas que concluíram o Ensino Médio. Essa realidade pode estar associada a diversos fatores socioeconômicos, como dificuldades no acesso à educação de qualidade, desafios familiares e falta de oportunidades para enfrentar os estudos.

Figura 2 – Escolaridade da população jovem conforme PNAD contínua (2012 -2019)



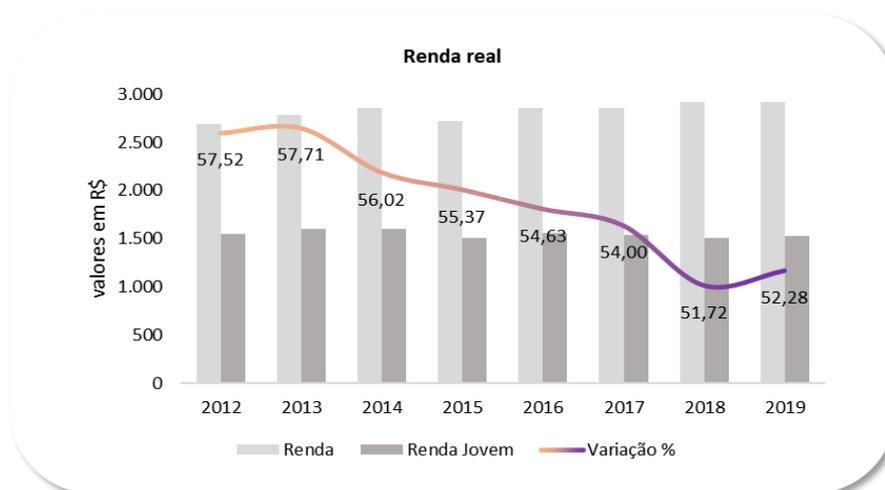
Fonte: Elaboração própria com base nos dados da PNAD (2012 a 2019).

Ao analisar os dados da PNAD referentes ao período de 2012 a 2019 na Figura 3, podemos observar que há uma diferença significativa de mais de 50% entre a renda média de todos os trabalhadores entrevistados e a renda média dos jovens nesse mesmo período.

A renda média de todos os trabalhadores engloba o conjunto de indivíduos de todas as faixas etárias, levando em consideração tanto os jovens quanto os adultos e idosos. Por outro lado, a renda média jovem é específica para os indivíduos pertencentes à faixa etária jovem de 14 até 25 anos.

Essa diferença de mais de 50% entre as duas médias salariais pode ser atribuída a diversos fatores, como a experiência e a qualificação profissional, que tendem a aumentar com o avançar da idade e do tempo de trabalho. Os trabalhadores mais experientes e com maior qualificação geralmente possuem salários mais altos, contribuindo para elevar a média de renda dos trabalhadores em geral. Já os jovens, em sua maioria, estão no início de suas carreiras e, muitas vezes, enfrentam desafios para obter empregos mais bem remunerados devido à falta de experiência e qualificação. Além disso, o mercado de trabalho pode ser mais competitivo para os jovens, resultando em salários médios mais baixos em comparação com a média geral.

Figura 3 – Renda real (2022) de jovens e população total conforme PNAD contínua (2012 -2019)



Fonte: Elaboração própria com base nos dados da PNAD (2012 a 2019).

A Tabela 1 apresenta os resultados de um modelo *logit* que analisa estar ou não estar empregado para a população jovem de 14 e até 25 anos ao longo dos anos de 2012 a 2019. O modelo investiga o efeito de diversas variáveis independentes sobre a probabilidade de jovens estarem trabalhando. A seleção das variáveis se deve a características colocadas como importantes para as escolhas dos jovens em ingressar no mercado de trabalho (Mönks, 1968; Sundberg et al., 1983; Poole & Cooney, 1987; Nurmi, 1989; Nurmi, 1994).

O intercepto do modelo é estatisticamente significativo, indicando probabilidade substancial de ter ou não um emprego para os jovens, mesmo sem outras variáveis. A variável "Feminino" possui efeito positivo significativo em todas as estimativas, sugerindo maior probabilidade de estar trabalhando para jovens do sexo feminino em comparação aos masculinos.

As variáveis de raça revelam efeitos significativos: a cor "Preta" apresenta coeficientes negativos, indicando menor probabilidade de estar trabalhando para jovens pretos em comparação a outras. A cor "Amarela" não é sempre significativa, sugerindo variação em seu impacto ao longo do tempo.

As variáveis educacionais demonstram efeitos negativos significativos, indicando que à medida que o nível de educação aumenta, a probabilidade de estar trabalhando diminui, possivelmente relacionado a jovens que optam por continuar nos estudos.

As variáveis regionais também são significativas: por exemplo o "Acre" tem efeito positivo, indicando maior chance estar trabalhando nessa região, enquanto "Sergipe" mostra variação em seu efeito ao longo do tempo.

Ao longo dos anos analisados, variáveis como gênero e da raça preta apresentaram efeitos consistentes na participação da população jovem no mercado de trabalho. Entretanto, fatores como a raça amarela e região de residência mostraram resultados mais voláteis.

A variável de educação revelou uma tendência geral de impacto negativo, indicando que um maior nível educacional pode estar associado a uma menor probabilidade de estar trabalhando. Esses resultados são relevantes para compreender as dinâmicas do mercado de trabalho entre os jovens e podem orientar o desenvolvimento de políticas e programas voltados para a inserção dessa população na força de trabalho.

Tabela 1 – Resultados dos coeficientes do modelo *Logit* para jovens de 14 anos e até 25 anos estarem ou não empregados nos anos de 2012 – 2019

	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019
Intercepto	5.295*** (0.217)	5.549*** (0.207)	5.964*** (0.205)	5.813*** (0.160)	5.763*** (0.197)	6.397*** (0.217)	6.083*** (0.232)	6.640* ** (0.263)
Feminino	1.009*** (0.020)	0.937*** (0.022)	0.939*** (0.023)	0.952*** (0.017)	0.832*** (0.023)	0.798*** (0.022)	0.827*** (0.025)	0.824* ** (0.025)
Preta	-0.16*** (0.045)	-0.21*** (0.042)	-0.24*** (0.048)	-0.20*** (0.034)	-0.30*** (0.047)	-0.32*** (0.045)	-0.24*** (0.039)	- 0.41** * (0.043)
Amarela	0.306 (0.241)	0.557** (0.211)	0.300 (0.367)	0.293 (0.190)	0.561** (0.210)	0.486. (0.283)	-0.29. (0.160)	0.329. (0.178)
Parda	-0.06** (0.022)	-0.09*** (0.022)	-0.12*** (0.026)	-0.11*** (0.019)	-0.15*** (0.028)	-0.21*** (0.026)	-0.18*** (0.027)	- 0.17** * (0.026)
Índigena	-0.06 (0.196)	0.263 (0.206)	-0.15 (0.280)	-0.07 (0.165)	-0.13 (0.213)	-0.13 (0.208)	-0.41** (0.139)	0.177 (0.212)
Ignoranda				4.894* (0.213)	-0.28 (0.213)	-0.60 (0.208)	-0.62 (0.139)	1.482 (0.212)

	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019
				(2.348)	(5.281)	(24243)	(1.158)	(3.553)
Idade	-0.26*** (0.004)	-0.28*** (0.003)	-0.28*** (0.003)	-0.28*** (0.003)	-0.30*** (0.004)	-0.29*** (0.004)	-0.29*** (0.004)	- 0.30** *
Funda mental incom pleto ou equiva lente	-1.14*** (0.098)	-1.05*** (0.095)	-1.28*** (0.102)	-1.10*** (0.083)	-0.74*** (0.102)	-1.41*** (0.127)	-1.16*** (0.145)	- 1.41** *
Funda mental compl eto ou equiva lente	-1.34*** (0.103)	-1.25*** (0.093)	-1.46*** (0.106)	-1.31*** (0.085)	-0.94*** (0.103)	-1.61*** (0.127)	-1.39*** (0.147)	- 1.70** *
Médio incom pleto ou equiva lente	-1.45*** (0.103)	-1.39*** (0.095)	-1.56*** (0.105)	-1.38*** (0.080)	-1.06*** (0.104)	-1.73*** (0.126)	-1.54*** (0.146)	- 1.79** *
Médio compl eto ou equiva lente	-2.15*** (0.096)	-2.03*** (0.093)	-2.24*** (0.103)	-2.01*** (0.080)	-1.71*** (0.104)	-2.43*** (0.124)	-2.20*** (0.147)	- 2.48** *
Superi or incom pleto ou equiva lente	-1.52*** (0.104)	-1.37*** (0.101)	-1.57*** (0.107)	-1.41*** (0.089)	-0.99*** (0.109)	-1.72*** (0.126)	-1.48*** (0.148)	- 1.90** *
Superi or compl eto	-2.44***	-2.20***	-2.54***	-2.24***	-1.90***	-2.58***	-2.28***	- 2.79** *

	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019
	(0.128)	(0.132)	(0.130)	(0.103)	(0.124)	(0.144)	(0.161)	(0.183)
Acre	0.489***	0.481***	0.505***	0.153.	0.743***	0.626***	0.456***	0.791* **
	(0.097)	(0.107)	(0.099)	(0.085)	(0.107)	(0.096)	(0.115)	(0.136)
Amaz onas	0.320**	0.204*	0.218*	0.282***	0.203.	0.280***	0.303**	0.218.
	(0.102)	(0.087)	(0.105)	(0.077)	(0.113)	(0.102)	(0.113)	(0.120)
Rorai ma	0.328*	0.221*	0.109	-0.04	0.493***	0.656**	0.335*	0.290*
	(0.126)	(0.105)	(0.121)	(0.085)	(0.115)	(0.115)	(0.137)	(0.130)
Pará	0.224*	0.155.	0.096	-0.14.	0.256*	0.292***	0.278**	0.423* **
	(0.101)	(0.087)	(0.090)	(0.072)	(0.100)	(0.085)	(0.103)	(0.109)
Amap á	0.446***	0.535***	0.398**	0.421***	0.521**	0.827***	0.603***	0.605* **
	(0.129)	(0.116)	(0.133)	(0.115)	(0.181)	(0.142)	(0.134)	(0.147)
Tocan tins	0.198.	0.193.	0.142	-0.06	0.051	0.421***	0.223.	0.327* *
	(0.112)	(0.106)	(0.109)	(0.078)	(0.114)	(0.103)	(0.116)	(0.120)
Maran hão	0.491***	0.419***	0.317***	0.131*	0.521***	0.643***	0.652***	0.909* **
	(0.094)	(0.076)	(0.088)	(0.065)	(0.089)	(0.077)	(0.095)	(0.103)
Piauí	0.441***	0.263**	0.049	-0.13.	0.391***	0.393***	0.475***	0.495* **
	(0.111)	(0.093)	(0.113)	(0.072)	(0.109)	(0.103)	(0.107)	(0.125)
Ceará	0.453***	0.283***	0.252**	0.193**	0.433***	0.372***	0.371***	0.477* **
	(0.097)	(0.082)	(0.085)	(0.063)	(0.089)	(0.072)	(0.091)	(0.107)
Rio Grand e do Norte	0.301**	0.252**	0.210*	0.142.	0.411***	0.477***	0.594***	0.450* **
	(0.107)	(0.093)	(0.095)	(0.077)	(0.109)	(0.099)	(0.116)	(0.117)
Paraíb a	0.345**	0.095	0.146	-0.05	0.493***	0.565***	0.392***	0.559* **
	(0.105)	(0.088)	(0.103)	(0.074)	(0.100)	(0.091)	(0.106)	(0.123)
Perna mbuco	0.510***	0.444***	0.370***	0.210***	0.495***	0.364***	0.250*	0.483* **

	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019
	(0.105)	(0.081)	(0.095)	(0.061)	(0.102)	(0.091)	(0.099)	(0.101)
Alagoas	0.563***	0.493***	0.420***	0.260***	0.560***	0.639***	0.834***	0.797**
	(0.095)	(0.082)	(0.095)	(0.066)	(0.091)	(0.093)	(0.105)	(0.106)
Sergipe	0.123	0.123	-0.06	-0.00	0.330**	0.359***	0.335**	0.098
	(0.104)	(0.091)	(0.098)	(0.071)	(0.116)	(0.099)	(0.114)	(0.125)
Bahia	0.045	-0.05	-0.19*	-0.30***	0.032	0.104	0.030	0.095
	(0.097)	(0.078)	(0.090)	(0.060)	(0.095)	(0.093)	(0.101)	(0.106)
Minas Gerais	-0.06	-0.27***	-0.24**	-0.44***	-0.23*	-0.29***	-0.33***	-0.28**
	(0.096)	(0.079)	(0.086)	(0.068)	(0.089)	(0.081)	(0.096)	(0.100)
Espírito Santo	-0.23	-0.14	-0.15	-0.18**	-0.05	-0.12	-0.32**	-0.26*
	(0.101)	(0.090)	(0.095)	(0.066)	(0.103)	(0.085)	(0.103)	(0.110)
Rio de Janeiro	0.460*	0.366***	0.340***	0.201**	0.424***	0.290***	0.189*	0.267*
	(0.092)	(0.081)	(0.085)	(0.060)	(0.085)	(0.078)	(0.093)	(0.095)
São Paulo	-0.01	-0.19*	-0.16.	-0.35***	-0.31***	-0.42***	-0.54***	-
	(0.098)	(0.086)	(0.091)	(0.065)	(0.092)	(0.079)	(0.096)	0.42**
	(0.098)	(0.086)	(0.091)	(0.065)	(0.092)	(0.079)	(0.096)	(0.104)
Paraná	-0.30**	-0.35***	-0.37***	-0.51***	-0.27**	-0.42***	-0.42***	-
	(0.099)	(0.082)	(0.090)	(0.064)	(0.101)	(0.080)	(0.093)	0.36**
	(0.099)	(0.082)	(0.090)	(0.064)	(0.101)	(0.080)	(0.093)	(0.103)
Santa Catarina	-0.32**	-0.42***	-0.56***	-0.68***	-0.52***	-0.69***	-0.72***	-
	(0.098)	(0.083)	(0.090)	(0.066)	(0.091)	(0.079)	(0.099)	0.65**
	(0.098)	(0.083)	(0.090)	(0.066)	(0.091)	(0.079)	(0.099)	(0.099)
Rio Grande do Sul	-0.28**	-0.51***	-0.48***	-0.70***	-0.46***	-0.53***	-0.52***	-
	(0.098)	(0.085)	(0.093)	(0.066)	(0.097)	(0.085)	(0.101)	0.55**
	(0.098)	(0.085)	(0.093)	(0.066)	(0.097)	(0.085)	(0.101)	(0.108)

	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019
Mato Grosso do Sul	-0.10 (0.105)	-0.13 (0.097)	-0.24* (0.099)	-0.42*** (0.077)	-0.18. (0.099)	-0.26* (0.113)	-0.30** (0.101)	-0.35** (0.108)
Mato Grosso	0.061 (0.107)	-0.18* (0.082)	-0.14 (0.096)	-0.24*** (0.070)	-0.19* (0.098)	-0.09 (0.092)	-0.28* (0.115)	-0.32** (0.117)
Goiás	-0.00 (0.111)	-0.18* (0.090)	-0.32** (0.098)	-0.23** (0.071)	-0.16 (0.098)	-0.33*** (0.099)	-0.30** (0.105)	-0.25* (0.104)
Distrito Federal	0.210. (0.123)	-0.08. (0.105)	0.085 (0.100)	0.004 (0.089)	0.141 (0.107)	0.021 (0.114)	-0.02 (0.119)	0.056. (0.135)
Família Nuclear	0.668*** (0.156)	0.839*** (0.128)	0.793*** (0.142)	0.916*** (0.106)	0.902*** (0.121)	0.833*** (0.123)	0.988*** (0.123)	0.708** (0.126)
Família Estendida	0.503** (0.157)	0.693*** (0.131)	0.645*** (0.142)	0.806*** (0.108)	0.826*** (0.124)	0.703*** (0.125)	0.864*** (0.126)	0.578** (0.125)
Família composta	0.217 (0.164)	0.302* (0.148)	0.524** (0.170)	0.719*** (0.122)	0.717*** (0.149)	0.521*** (0.144)	0.776*** (0.155)	0.336* (0.153)

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da PNAD (2012 a 2019). Códigos de significância: 0,000 (\*\*\*) Significativo a 0,01%, 0,001 (\*\*) Significativo a 0,1%, 0,01 (\*) Significativo a 1%, 0,05 (.) Significativo a 5%, 0,1 ( ) Significativo à 10%. Software RStudio.

A análise dos resultados do modelo *logit*, considerando as razões de chance (*odds ratio*) ao longo dos anos de 2012 a 2019, fornece uma compreensão mais detalhada sobre como o perfil dos jovens em relação a estar trabalhando evoluiu ao longo do tempo.

A análise das variáveis de região revela padrões distintos em relação estar trabalhando ao longo do tempo. Por exemplo, a variável "Acre" apresenta razões de *odds* maiores que 1 em

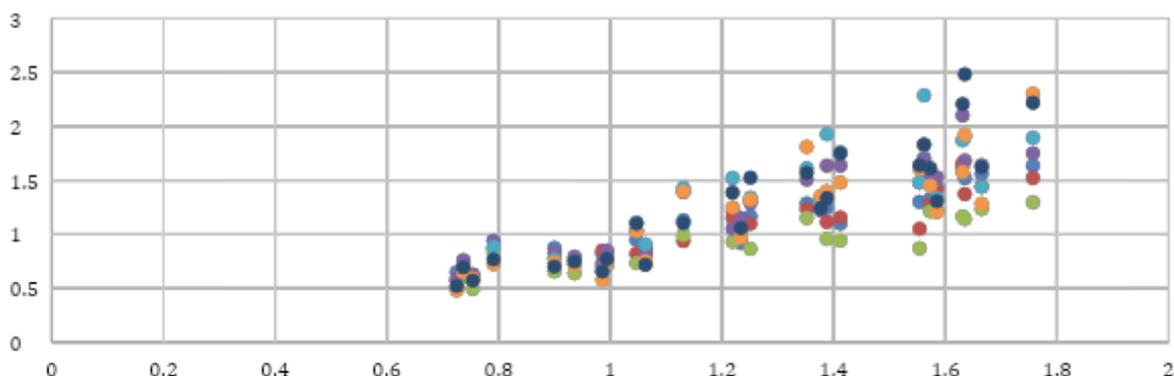
todos os anos, indicando uma maior probabilidade de participação dos jovens nesta região (Tabela 2).

Por outro lado, outras variáveis de região, como "Rio de Janeiro" e "São Paulo", mostram razões de *odds* menores que 1, sugerindo uma menor probabilidade de participação dos jovens nessas regiões (Tabela 2).

Em síntese, a análise detalhada das razões de *odds* ao longo do tempo destaca que a participação da população jovem no mercado de trabalho tem apresentado uma tendência de crescimento geral.

Na Figura 4 é possível ver a dispersão da razão de chance dos estados com relação ao ano de 2012 e os anos subsequentes, no geral há uma tendência de melhora nas chances de estar no mercado de trabalho para os jovens de até 25 anos. Esse efeito, no entanto, não é homogêneo, ressaltando as diferenças regionais.

Figura 4 – Dispersão da razão de chance dos estados de 2013 a 2019 comparados com resultados de 2012.



Fonte: Elaboração própria com base no modelo *Logit* dos dados da PNAD (2012 a 2019).

Na tabela 2 os resultados das razões de chance por estado, mostram que para o sul e sudeste as chances de um jovem estar trabalhando é menor com relação aos estados do norte e nordeste. Como a renda no sul e sudeste é maior (IBGE, 2023), é possível que os jovens tenham menos chances de estar trabalhando em razão de estarem buscando melhor qualificação profissional em empregos de maior remuneração.

Tabela 2 – Resultados de razão de chance dos Estados brasileiros para jovens de 14 anos e até 25 anos nos anos de 2012 – 2019 estarem ou não empregado.

	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019
Acre	1,63***	1,62***	1,66***	1,17.	2,1***	1,87***	1,58***	2,21***
Amazonas	1,38**	1,23*	1,24*	1,33***	1,23.	1,32***	1,35**	1,24.
Roraima	1,39*	1,25*	1,12	0,96	1,64***	1,93**	1,4*	1,34*
Pará	1,25*	1,17.	1,1	0,87.	1,29*	1,34***	1,32**	1,53***
Amapá	1,56***	1,71***	1,49**	1,52***	1,69**	2,29***	1,83***	1,83***
Tocantins	1,22.	1,21.	1,15	0,93	1,05	1,52***	1,25.	1,39**
Maranhão	1,64***	1,52***	1,37***	1,14*	1,68***	1,9***	1,92***	2,48***
Piauí	1,55***	1,3**	1,05	0,87.	1,48***	1,48***	1,61***	1,64***
Ceará	1,57***	1,33***	1,29**	1,21**	1,54***	1,45***	1,45***	1,61***
Rio Grande do Norte	1,35**	1,29**	1,23*	1,15.	1,51***	1,61***	1,81***	1,57***
Paraíba	1,41**	1,1	1,16	0,94	1,64***	1,76***	1,48***	1,75***
Pernambuco	1,67***	1,56***	1,45***	1,23***	1,64***	1,44***	1,28*	1,62***
Alagoas	1,76***	1,64***	1,52***	1,3***	1,75***	1,9***	2,3***	2,22***
Sergipe	1,13	1,13	0,94	0,99	1,39**	1,43***	1,4**	1,1
Bahia	1,05	0,95	0,82*	0,73***	1,03	1,11	1,03	1,1
Minas Gerais	0,94	0,76***	0,78**	0,64***	0,79*	0,74***	0,72***	0,75**
Espírito Santo	0,79	0,86	0,86	0,83**	0,94	0,89	0,73**	0,77*
Rio de Janeiro	1,59*	1,44***	1,41***	1,22**	1,53***	1,34***	1,21*	1,31**
São Paulo	0,99	0,82*	0,85.	0,7***	0,73***	0,65***	0,58***	0,66***
Paraná	0,74**	0,7***	0,68***	0,6***	0,76**	0,65***	0,65***	0,69***
Santa Catarina	0,73**	0,65***	0,57***	0,5***	0,59***	0,5***	0,48***	0,52***
Rio Grande do Sul	0,75**	0,6***	0,61***	0,5***	0,63***	0,59***	0,59***	0,57***
Mato Grosso do Sul	0,9	0,88	0,78*	0,66***	0,83.	0,77*	0,74**	0,7**
Mato Grosso	1,06	0,83*	0,87	0,78***	0,82*	0,91	0,75*	0,72**
Goiás	0,99	0,83*	0,72**	0,79**	0,85	0,72***	0,74**	0,77*
Distrito Federal	1,23.	0,92.	1,09	1	1,15	1,02	0,97	1,06.

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da PNAD (2012 a 2019). Códigos de significância: 0,000 (\*\*\*) Significativo a 0,01%, 0,001 (\*\*) Significativo a 0,1%, 0,01 (\*) Significativo a 1%, 0,05 (.) Significativo a 5%, 0,1 ( ) Significativo à 10%. Software RStudio.

Ao analisar a variável de gênero (Feminino, figura 5), observa-se que as jovens têm maior probabilidade de estar trabalhando em todos os anos analisados. A razão de chance para a variável feminino permaneceu relativamente constante ao longo do tempo, indicando uma leve tendência de queda e sugerindo uma possível redução nas disparidades de gênero no mercado de trabalho.

Apesar da predominância feminina, persistem desigualdades de gênero na participação laboral. Fatores como raça, nível de educação e região também influenciam a probabilidade de participação dos jovens estarem trabalhando. Compreender esses padrões é importante para

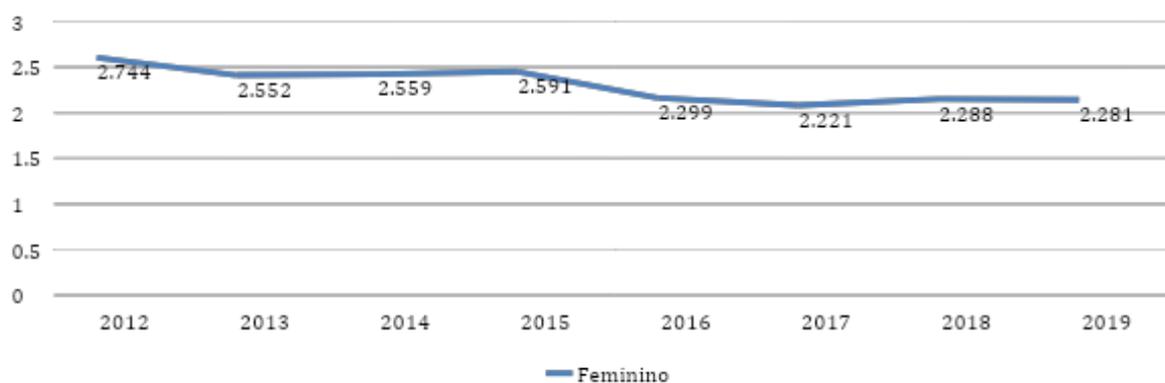
desenvolver políticas e estratégias eficazes de inclusão e empoderamento dessa parcela da população.

A Figura 5 exibe o gráfico da razão de chance da participação das mulheres no mercado de trabalho de 2012 a 2019. Em 2012, a razão de chance era 2.744, indicando que a probabilidade relativa de uma jovem mulher estar empregada em comparação com estar desempregada era cerca de 174% maior do que a de um homem. Nos anos seguintes, essa razão manteve-se elevada, variando entre 155% e 159%.

A partir de 2015, observou-se uma tendência de queda na razão de chance, indicando uma diminuição na disparidade entre a proporção de jovens mulheres e homens empregados. Em 2016, atingiu o mínimo de 2.299, refletindo uma probabilidade relativa cerca de 129% maior para as mulheres estarem empregadas em relação ao desemprego. A partir de 2017, houve uma leve recuperação na razão de chance, mantendo-se estável em torno de 2.2 a 2.3 até 2019. Esses resultados sugerem que, ao longo desse período, as mulheres jovens tiveram maior probabilidade de estarem empregadas em comparação com os homens, refletindo possíveis impactos de mudanças sociais e políticas.

A redução da razão de chance a partir de 2015 sugere maior equidade de gênero no mercado de trabalho, mas permanece em um patamar significativo. Essa análise é apenas um aspecto, sendo fundamental considerar outras variáveis que influenciem a participação feminina no mercado de trabalho.

Figura 5 - Razão de chance da variável Sexo ao longo dos anos de 2012 a 2019.



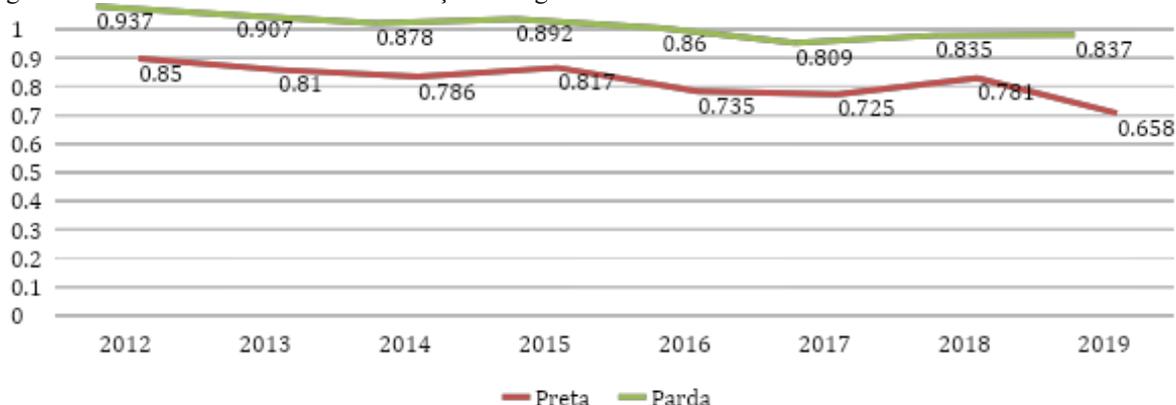
Fonte: Elaboração própria com base no modelo *Logit* dos dados da PNAD (2012 a 2019).

Ao examinar as variáveis de raça (Figura 6), observam-se padrões distintos. A variável "Preta" apresenta razões de *odds* menores que 1 em todos os anos, indicando menor probabilidade de jovens pretos estarem trabalhando em comparação com outras raças. Já a

variável "Amarela" exibe resultados variados, sugerindo que seu impacto pode oscilar ao longo do tempo.

A variável "Parda" também mostra razões de *odds* menores que 1, indicando menor probabilidade de estarem trabalhando, com uma tendência menos clara ao longo dos anos. Assim, jovens pretos e pardos enfrentam menores chances de emprego, com essa desigualdade aumentando ao longo do tempo, principalmente para os pretos. Em 2019, as chances de inserção no mercado de trabalho para jovens pretos eram aproximadamente 34% menores do que para jovens brancos.

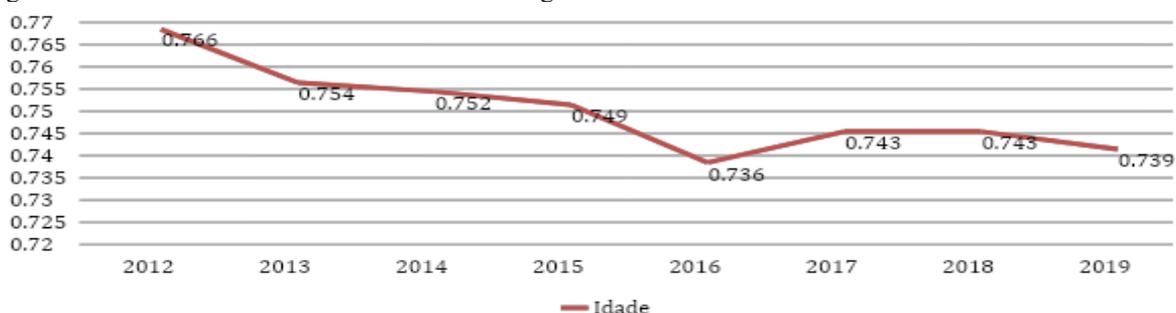
Figura 6 - Razão de chance da variável Raça ao longo dos anos de 2012 a 2019.



Fonte: Elaboração própria com base nos dados da PNAD (2012 a 2019).

Os dados indicam uma redução na probabilidade de jovens mais velhos estarem trabalhando. Isso pode ser atribuído a vários fatores, como a possível falta de absorção de mão de obra qualificada com salários mais altos ou ao adiamento da entrada no mercado de trabalho devido a prosseguimento nos estudos. Em 2019, cada ano adicional de idade diminuiu as chances de participação no mercado de trabalho em cerca de 27% (Figura 7).

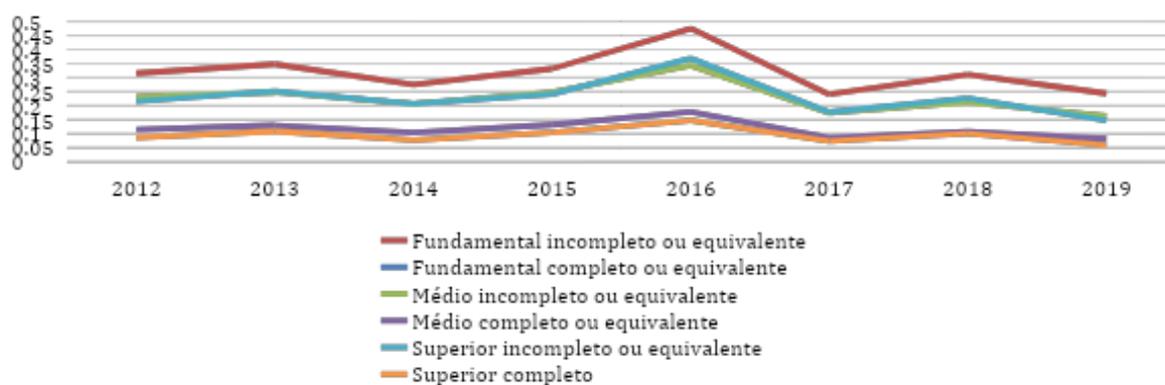
Figura 7 - Razão de chance da variável Idade ao longo dos anos de 2012 a 2019.



Fonte: Elaboração própria com base no modelo *Logit* dos dados da PNAD (2012 a 2019).

Em relação ao nível de educação, as variáveis representativas dos graus de escolaridade mostram efeitos consistentemente negativos nas razões de chance ao longo dos anos (Figura 8). Isso indica que, à medida que o nível educacional dos jovens aumenta, a probabilidade de estar trabalhando diminui. Essa tendência sugere que os jovens mais educados podem adiar a entrada no mercado de trabalho em busca de melhores oportunidades ou investir em educação adicional para aprimorar perspectivas futuras de emprego. Apesar de uma queda em 2016, a tendência negativa foi retomada para todos os níveis nos anos subsequentes. A razão de chance compara a resposta sem instrução com os demais níveis educacionais.

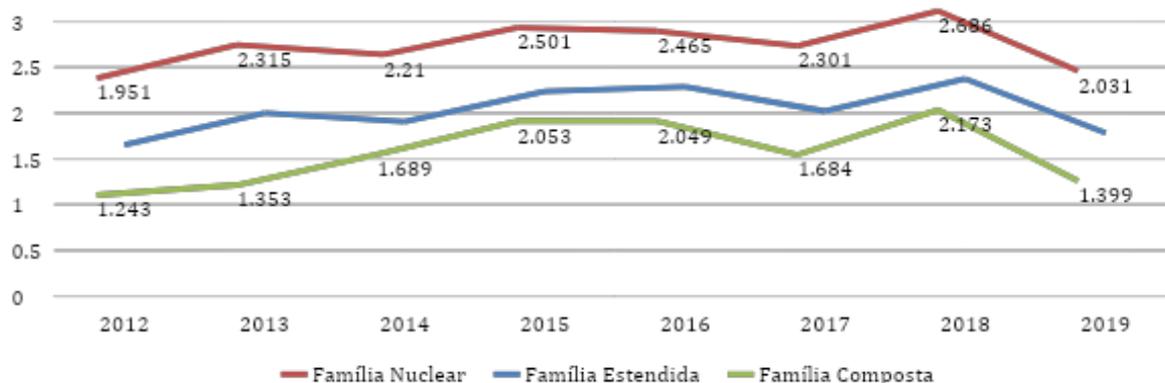
Figura 8 - Razão de chance da variável Educação ao longo dos anos de 2012 a 2019.



Fonte: Elaboração própria com base no modelo *Logit* dos dados da PNAD (2012 a 2019).

Em relação a composição parental (Figura 9), famílias nucleares compostas ou estendidas têm maior chance de terem jovens trabalhando, quando comparadas aos domicílios unipessoais.

Figura 9 - Razão de chance da variável Tipo de Núcleo Familiar ao longo dos anos de 2012 a 2019.



Fonte: Elaboração própria com base no modelo *Logit* dos dados da PNAD (2012 a 2019).

Os resultados evidenciam tendências significativas na participação dos jovens no mercado de trabalho. A presença crescente de mulheres jovens, ao estabilizar essa trajetória,

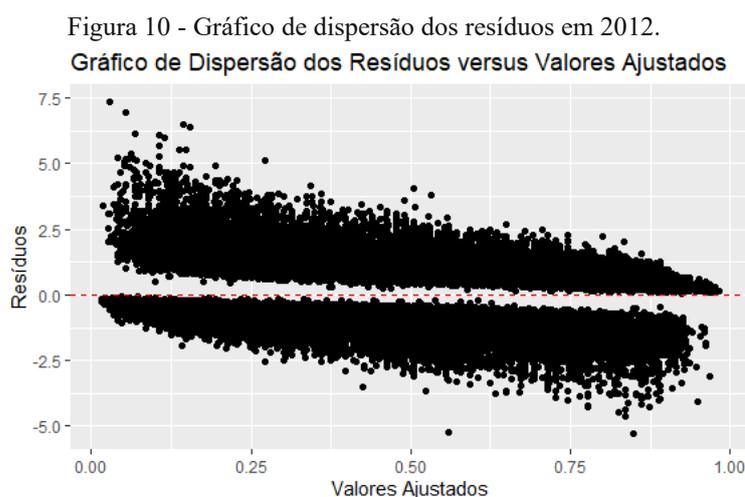
sublinha a persistência das possíveis desigualdades de gênero ao longo de suas carreiras. A desigualdade racial, ainda uma preocupação contínua, tem evoluído desde 2019, sinalizando implicações futuras.

A entrada tardia dos jovens no mercado de trabalho, possivelmente decorrente do aumento do tempo dedicado ao estudo, é uma observação relevante. Surpreendentemente, o aumento da escolarização não se traduz em maior participação ao longo do tempo, com jovens sem instrução apresentando maiores chances de emprego.

A estabilidade ao longo dos anos nas famílias nucleares, com maiores chances de terem jovens empregados, destaca a consistência do ambiente familiar como determinante da empregabilidade. Essas tendências ressaltam áreas críticas para futuras políticas de inclusão e desenvolvimento socioeconômico.

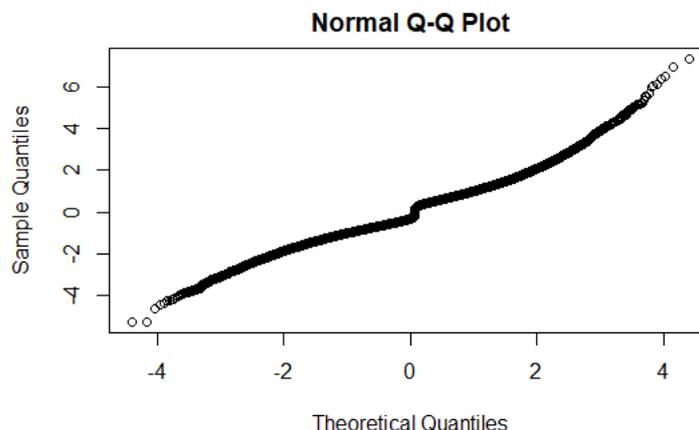
Os modelos foram testados quanto à heterocedasticidade e normalidade dos resíduos. Apesar de apresentarem dados homocedásticos, não atendem à prerrogativa de normalidade. A Figura 10 (correspondente a 2012 e replicada em outros anos) revela que os dados se concentram em indivíduos empregados e desempregados, mas os modelos mostram comportamentos distintos nas caudas.

A Figura 11, com a curva normal, evidencia que os pontos não seguem uma linha, indicando que o conjunto de variáveis para explicar a participação no mercado de trabalho precisa ser aprimorado, considerando as variáveis disponíveis na PNAD.



Fonte: Elaboração própria

Figura 11 - Gráfico de dispersão dos resíduos em 2012.



Fonte: Elaboração própria

## 5. Conclusão

A análise das razões de chance ao longo do período de 2012 a 2019 revela uma tendência de crescimento geral na chance do jovem trabalhar. Observa-se que as jovens têm uma probabilidade superior de inserção nesse cenário em comparação com os jovens do sexo masculino. No entanto, persistem desigualdades de gênero, embora exista uma diminuição gradual ao longo do tempo.

No que diz respeito à raça, os jovens pretos e pardos apresentam menor probabilidade de estarem trabalhando em relação as outras. A variável "Amarela" demonstra resultados variados, indicando que seu impacto na participação no mercado de trabalho pode ser influenciado por fatores dinâmicos, com um aumento ao longo do tempo. Isso ressalta a preocupação contínua com as desigualdades raciais na concepção de políticas públicas para os jovens.

A influência do nível de educação dos jovens é significativa, mostrando que à medida que a escolaridade aumenta, a probabilidade de estar trabalhando diminui. Isso pode indicar que jovens mais educados adiam sua entrada no mercado em busca de melhores oportunidades ou buscam educação adicional para aprimorar suas perspectivas de emprego. No entanto, esse efeito também sugere a possibilidade de o mercado não absorver adequadamente a mão-de-obra jovem com algum grau de instrução.

Ao analisar as variáveis de região, surgem diferenças marcantes nas chances de participação no mercado de trabalho entre os estados brasileiros. Estados como "Acre" apresentam maiores chances, enquanto "Rio de Janeiro" e "São Paulo" mostram menores

chances de participação para os jovens. Esse aspecto regional destaca a diversidade nas oportunidades de emprego enfrentadas pelos jovens em diferentes partes do país.

É importante ressaltar que as razões de chance são fundamentais para compreender como variáveis independentes influenciam a probabilidade dos jovens terem um emprego. No entanto, o modelo *logit* possui limitações, e outros fatores não abordados podem afetar os resultados. Portanto, é essencial interpretar os resultados com cautela, considerando a complexidade do contexto socioeconômico envolvendo a participação dos jovens no mercado de trabalho.

Destaca-se que o trabalho não aborda a inserção do jovem no mercado de trabalho, pois se limita a analisar apenas a variável de estar ou não empregado. Para uma compreensão mais completa do mercado de trabalho, é essencial considerar aspectos adicionais, como por exemplo, o desalento e a ausência de emprego devido aos estudos. Portanto, essa limitação deve ser considerada ao avaliar os resultados.

Diante dessas conclusões, é imperativo que os formuladores de políticas públicas considerem a evolução das variáveis que impactam a participação da população jovem no mercado de trabalho ao longo do tempo. A promoção de políticas que reduzam as desigualdades de gênero, raça e educacionais pode contribuir para a inclusão e empoderamento dos jovens. Investir em educação e formação profissional também é fundamental, assegurando que os jovens tenham acesso a oportunidades que os tornem mais competitivos no mercado de trabalho. Em suma, essa análise detalhada fornece percepções importantes para informar políticas públicas efetivas que impulsionem oportunidades de emprego e crescimento econômico para essa parcela significativa da população jovem.

## Referências

ALMEIDA, R.; PACKARD, T. Skills and Jobs in Brazil: An Agenda for Youth. **World Bank Publications**. 2018. DOI: [10.1596/978-1-4648-1293-4](https://doi.org/10.1596/978-1-4648-1293-4).

BALSAN, D.; HANCHANE, S.; WERQUIN, P. Mobilité professionnelle initiale: éducation et expérience sur le marché du travail. **Economie Et Statistique**. v. 299, p. 91-106, 1996. DOI: [10.3406/ESTAT.1996.6164](https://doi.org/10.3406/ESTAT.1996.6164).

BLOSSFELD, H. P.; TIMM, A. **Who marries whom?** Educational systems as marriage markets in modern societies. Springer Science & Business Media, 2003.

BLOSSFELD, H. P. *et al.* **Globalization, uncertainty and youth in society:** The losers in a globalizing world. Routledge, 2006.

COSTA, L.; SCALON, M. C. Income inequality and social stratification in Brazil: key determining factors and changes in the first decade of the 21st century. *In*: PEILING, L. *et al.* (Org.). **Handbook on social stratification in the Bric countries: change and perspective**. Cingapura: World Scientific Publishing, 2013.

GOMES, H. B.; OLIVEIRA, S. S. B.; ANDRADE, M. I. P. Desemprego, juventude e crise estrutural do capital: o precariado na cena contemporânea. **Revista Internacional Interdisciplinar Interthesis**, v. 16, n. 3, p. 18 – 38, 2019. DOI: [10.5007/1807-1384.2019v16n3p18](https://doi.org/10.5007/1807-1384.2019v16n3p18)

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: 2022**. [s.l.]: IBGE, 2023. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/sociais/trabalho/9107-pnad-continua.html>. Acesso em: 05 set. 2024.

MÖNKES, F. Future time perspective in adolescents. **Human Development**, v. 11, n. 2, p. 107 – 123, 1968. DOI: 10.1159/000270600.

MÜLLER, W.; GANGL, M. The transition from school to work: A European perspective. **Oxford Academic**. p. 1-20, nov. 2003. DOI: 10.1093/0199252475.003.0001.

NURMI, J. E. Development of orientation to the future during early adolescence: a four year longitudinal study and two cross-sectional comparisons. **International Journal of Psychology**, 24, p. 195 – 214, 1989.

NURMI, J. E. The development of future-orientation in a life-span context. *In*: Z. Zaleski (Org.). **Psychology of future orientation**. Lublin: Towarzystwo Naukowe KUL. 1994, p. 63-74.

POCHMANN, M. Tendências estruturais do mundo do trabalho no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, n. 1, p. 89 – 99, 2018. DOI: 10.1590/1413-81232020251.29562019.

POOLE, M. E.; COONEY, G. H. Orientations to the future: a comparison of adolescents in Australia and Singapore. **Journal of Youth and Adolescence**, v. 17, p. 129 – 151, 1987.

RODRIGUES, W.; PEREIRA, L. A. Análise do risco ao desemprego entre grupos demográficos no município de Palmas-TO no ano de 2008: uma aplicação do modelo de regressão logístico binomial. **Informe GEPEC**, [S. l.], v. 17, n. 1, p. 23 – 33, 2013. DOI: 10.48075/igepec.v17i1.5905.

SALATA, A. R. Desigualdade de resultados educacionais em meio à expansão do sistema de ensino: Um estudo considerando o caráter posicional da escolaridade. **Civitas: revista de Ciências Sociais**, [S. l.], v. 22, p. 43 – 97, 2022. DOI: 10.15448/1984-7289.2022.1.43097.

SCALON, C.; CAETANO, A. J.; CHAVES, H.; COSTA, L. Back to the past: gains and losses in Brazilian society. **The Journal of Chinese Sociology**, v. 8, n. 1, p. 1 – 16, 2021. DOI: 10.1186/s40711-020-00132-9.

SCHOON, I.; SILBEREISEN, R. K. (Org.). **Transitions from school to work**: Globalization, individualization, and patterns of diversity. Cambridge University Press, 2009.

SPOSITO, M. P.; SOUZA, R.; SILVA, F. A. A pesquisa sobre jovens no Brasil: traçando novos desafios a partir de dados quantitativos. **Educ. Pesquisa**, São Paulo, v. 44, p. 1 -24, 2018.

SUNDBERG, N. D.; POOLE, M.; TYLER, L.E. Adolescents' expectations of future events – a cross cultural study of Australians, Americans and Indians. **International Journal of Psychology**, v. 18, p. 415 - 42, 1983.

WALTHER, G. Detecting the Presence of Mixing with Multiscale Maximum Likelihood. **Journal Of The American Statistical Association**, v. 97, n. 458, p. 508 – 513, 2002.

WOOLDRIDGE, J.M. Statistical Significance Is Okay, Too: Comment on “Size Matters. **Journal of Socio-Economics**, vol. 33, 2004, p. 577-579. DOI: 10.1016/j.socec.2004.09.031.